

Rudolf Steiner

**CARÊNCIAS DA ALMA
EM NOSSA ÉPOCA**

Como superá-las?

Conferência proferida em Zurique (Suíça),
em 10 de outubro de 1916

Tradução de
Rudolf Lanz



ANTROPOSÓFICA

Título original:

WIE KANN DIE SEELISCHE NOT DER
GEGENWART ÜBERWUNDEN WERDEN?

© 1969 by Rudolf Steiner Nachlassverwaltung, Dornach
7ª ed. 1994, Rudolf Steiner Verlag, Dornach (Suíça)
ISBN 3-7274-5140-8

(Separata de *Die Verbindung zwischen Lebenden und Toten*,
GA-Nr. 168 — ISBN 3-7274-1680-7)

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ANTROPOSÓFICA LTDA. — Rua da Fraternidade, 180
04738-020 São Paulo — SP — Tel./Fax (11) 5687-9714
www.antroposofica.com.br — editora@antroposofica.com.br

Cotejo, revisão e edição: Jacira Cardoso
Ilustração da capa: Tatiana Schrifffer

1ª edição: 1985 / 2ª edição: 1993 / 3ª edição: 2002 /
4ª edição: 2006 (reimpressão em 2010)

5ª edição — 2013

ISBN 978-85-7122-140-6

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Steiner, Rudolf, 1861-1925.
Carências da alma em nossa época : como
superá-las? / Rudolf Steiner ; tradução de Rudolf
Lanz. — 5. ed. — São Paulo : Antroposófica, 2013.

Título original: *Wie kann die seelische Not der
Gegenwart überwinden werden?*
Conferência proferida em Zurique (Suíça), em
10 de outubro de 1916.

ISBN 978-85-7122-140-6

1. Alma 2. Antroposofia 3. Consciência 4.
Psicologia I. Título.

13-04965

CDD-299.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Antroposofia 299.935

As verdades da Ciência Espiritual buscadas por nós não devem constituir um conhecimento morto, e assim algo vivo e possível de relacionar-se com a vida em todos os pontos e assuntos essenciais. É natural, e até óbvio, que hoje em dia se assimile a Ciência Espiritual de maneira muitas vezes bastante abstrata; esse modo de assimilá-la pode conduzir a uma espécie de conhecimento irreal, pouco fecundo para a vida e capaz de provocar, em quem ainda não sabe muito a esse respeito, a seguinte indignação: “Para que me serve saber que o homem é constituído de um certo número de ‘corpos’, e que a humanidade evoluiu e evoluirá através de várias épocas culturais, etc.?” Em tais indivíduos, convictos da necessidade de se entrosarem inteiramente na vida prática a fim de obedecer às exigências do nosso tempo, a Ciência Espiritual causa frequentemente a impressão de ser algo estéril. E, realmente, muitas vezes ela é praticada de modo estéril mesmo pelos que lhe dedicam alguma inclinação e compreensão.

Apesar disso, a própria Ciência Espiritual, tal como existe hoje, é algo pleno de vida, algo que pode e deve tornar-se paulatinamente vivo em todos os domínios da vida prática. Vamos ilustrar, por meio de um exemplo, o que eu lhes disse a título de introdução. Vejamos, portanto, um capítulo de nossa Ciência Espiritual que provavelmente nos é familiar, mas que só adquire vida real à medida que o contemplamos com um espírito repleto de vida.

A maior parte dos presentes já deve ter ouvido falar sobre o fato de nossa era ter sido precedida pelo assim chamado quarto período pós-atlântico, cujos povos mais significativos foram os gregos e os romanos. Também os séculos seguintes, até os séculos XIV e XV, foram in-

fluenciados pelos impulsos desse quarto período cultural. Desde o século XV, estamos vivendo no quinto período pós-atlântico. Assim como atualmente estamos encarnados nesse período, muitas pessoas ainda o estarão durante muitos séculos futuros. Também sabemos — e a maior parte de nós já refletiu muito sobre isso — ter sido principalmente a alma do intelecto ou do sentimento que evoluiu na humanidade durante a época greco-romana, graças a tudo o que se manifestou na cultura e nas atividades exteriores. Nossa atual tarefa consiste em desenvolver a alma da consciência.

O que significa desenvolver a alma da consciência? Compreendido corretamente, o que acabo de dizer inclui o destino de toda a humanidade durante este quinto período cultural pós-atlântico. Os diversos povos deste período devem atuar em conjunto para exprimir a alma da consciência. Isso se revela, realmente, em todas as circunstâncias e situações da vida humana. Quando contemplamos a vida de forma correta, fica confirmada a verdade de que nossa época reflete o desenvolvimento da alma da consciência. Toda a existência humana era diversa no período precedente, o greco-romano. Foi nessa fase da evolução pós-atlântica que a humanidade recebeu o dom da capacidade intelectual e da força do sentimento. O intelecto inclui muitas coisas. Hoje não se tem uma noção bem clara disso. Os gregos e romanos, em sua vida anímica, dependiam de seu intelecto diferentemente dos homens deste quinto período. Eles o recebiam pronto à medida que dele precisavam, como parte das disposições naturais de seu desenvolvimento. O homem ia crescendo e, à medida que suas disposições naturais se desenvolviam, de certa forma seu intelecto também crescia. Não havia necessidade de

treinar o intelecto natural da mesma maneira como é preciso fazer hoje, e como se tornará cada vez mais necessário no decorrer do quinto período pós-atlântico; naquele tempo o intelecto se desenvolvia como uma capacidade natural. E ao simplesmente se desenvolver sob condições naturais, o homem demonstrava possuir ou não um intelecto. Carecer de intelecto era algo patológico e anormal — fuga à regra.

O mesmo acontecia com a vida dos sentimentos, que se desenvolvera de forma adequada ao quarto período pós-atlântico. Ao enfrentar outro ser humano, o homem sabia como adaptar-se a ele — e a História tradicional nos conta pouco dessa capacidade. Isso constitui uma diferença sensível entre os homens de séculos passados, até o século XV, e os homens de hoje. Os homens dessas épocas antigas não passavam um ao lado do outro sem testemunharem-se interesse, como muitas vezes acontece hoje em dia. Quando hoje um indivíduo encontra outro, muitas vezes leva bastante tempo para conhecê-lo bem. Ambos têm de aprender muito a respeito um do outro até adquirirem confiança mútua. O que hoje só se obtém depois de uma convivência prolongada (e nem sempre!) realizava-se, em séculos passados — mormente na época greco-romana —, de imediato. Rapidamente se estabelecia um contato entre duas personalidades, sem a necessidade de uma demorada troca de sentimentos e ideias. Costumava-se estabelecer logo um conhecimento quando isso era salutar para as duas pessoas envolvidas, ou até para um número maior que se reunia numa comunidade de interesses. A alma de uma ainda atuava sobre a alma da outra de uma maneira bem mais espiritual. Tal como hoje conhecemos corretamente as cores das plantas mediante nossos sentidos, assim

acontecia naqueles tempos com as pessoas. Ora, no sétimo período pós-atlântico, nem esse conhecimento por meio dos sentidos será possível sem mais preâmbulos; haverá uma necessidade de condições especiais até para se conhecer a natureza. Já no quarto período o conhecimento de outras pessoas era imediato, tal como ocorre com as cores de uma planta; dispensava-se um convívio prolongado. Hoje esse convívio permitiria uma penetração em caracteres mais íntimos da vida vegetal, mas o que o homem comum conhece de uma planta ele aprende na primeira impressão recebida. Porém essa maneira rudimentar de conhecer outra pessoa só era suficiente para as condições mais primitivas da vida daqueles tempos. Esse tipo de relacionamento inter-humano por meio do sentimento era apropriado para o quarto período pós-atlântico. Hoje em dia, uma rede bem diferente de relações sentimentais envolve o mundo. Temos de lembrar que naquele período as relações inter-humanas se realizavam por meio de encontros pessoais, e o que as pessoas ajustavam entre si era realizado mediante esses encontros. A imprensa, que tornou essas relações impessoais e continuará a fazê-lo cada vez mais, pertence apenas ao quinto período pós-atlântico. E as modernas condições de relacionamento estabelecem entre os homens contatos tais que relações travadas de um momento para outro não podem ser benéficas; as comunicações modernas fazem com que as pessoas se defrontem de maneira muito mais impessoal.

A atual configuração da humanidade não permite que se nasça com sentimentos fortes nem com um pensamento aguçado; por causa da alma da consciência, o homem nasce com uma natureza que implica a separação, o individualis-

mo, o egoísmo e a solidão numa escala bem maior do que ocorria com a alma do intelecto ou do sentimento. Devido à alma da consciência, o homem anda pelo mundo como um indivíduo isolado, como um solitário; isso não acontecia com a mesma intensidade na época da alma do intelecto ou do sentimento. O fato de o homem se isolar tem-se tornado a característica mais importante do nosso tempo, e o será cada vez mais. A alma da consciência conduz ao isolamento, resultando daí a maior dificuldade em se conhecer e ganhar a intimidade do próximo; para se chegar a tal confiança, existe atualmente a necessidade de se conhecer o outro por caminhos complicados.

Qual é o sentido de tudo isso? Nós o compreenderemos ao ponderar a seguinte verdade ensinada pela Ciência Espiritual: o fato de pessoas se encontrarem na vida não é um resultado do acaso; os caminhos da vida fazem com que encontremos certas pessoas, e não outras. Isso, porém, decorre dos efeitos do carma individual — pois na evolução da humanidade alcançamos uma fase que, sob certos aspectos, realçou as evoluções cármicas anteriores percorridas pelos homens. Convém lembrar que a quantidade de carma acumulado era bem menor nos primórdios da evolução terrestre! Com cada encarnação se forma um carma adicional. As pessoas têm de encontrar-se em condições inexistentes antes e apropriadas para o estabelecimento de um novo tipo de relacionamento. Mas o fato de havermos passado por tantas encarnações faz com que, via de regra, não encontremos pessoas com as quais não tenhamos tido algum relacionamento em encarnações anteriores. As vivências experimentadas em encarnações anteriores produzem novos encontros com outras pessoas. Tais encontros parecem

'casuais', mas na realidade tudo resulta de encarnações passadas, quando já nos conhecemos e geramos as forças que produzem nosso encontro.

A alma da consciência, que deve encontrar sua forma definitiva em nossa época, só poderá fazê-lo se as relações inter-humanas presentes tiverem menos influência do que o que atuou solitariamente em nosso interior como resultado de encarnações anteriores. Ainda na época greco-romana, dois indivíduos, ao encontrar-se, deviam causar um sobre o outro uma impressão imediata, ao passo que a situação atual deve ser a seguinte para que se possa desenvolver a alma da consciência: ao se depararem dois indivíduos, o que deve atuar nessa situação é aquilo que aflora de um ou outro deles como resultado de encarnações anteriores. O tempo necessário para esse processo é mais demorado do que o reconhecimento imediato estabelecido ao primeiro olhar; por assim dizer, as pessoas devem deixar vir à tona instintivamente, por meio dos sentimentos, as vivências que tiveram em comum. É justamente isto o que pretendemos hoje: que nos reconheçamos mutuamente, que primeiro as individualidades se afinem. É nesse reconhecimento, nessa sintonia das individualidades que repousa o surgimento ainda inconsciente e instintivo das reminiscências, dos efeitos das encarnações anteriores. E somente quando uma pessoa se relaciona com outras do fundo de seu íntimo é que se pode desenvolver a alma da consciência; por outro lado, a alma do intelecto e do sentimento desenvolve-se mais pelo instantâneo reconhecimento mútuo.

O que acabo de caracterizar-lhes está apenas no início, na quinta época pós-atlântica. Esse novo tipo de relacionamento correto será cada vez mais difícil à medida que

transcorrer o quinto período pós-atlântico, pois exige uma evolução e uma atuação anteriores. Isso já teve início, mas terá de generalizar-se e intensificar-se cada vez mais. Veja-se como a compreensão mútua imediata já ficou mais difícil agora que o carma conduz ao encontro de pessoas, talvez por elas pouco possuírem, devido a condições cármicas, a força para instintivamente tornar presentes as relações remanescentes de encarnações anteriores! Pode ocorrer de seres humanos se encontrarem, se amarem como resultado de encarnações passadas; mas outras forças podem opor-se a tais reminiscências, e as pessoas se separarão de novo. Não apenas pessoas que se encontram devem observar se o que nelas aflora é realmente suficiente para estabelecer uma relação duradoura; para os filhos e filhas torna-se cada vez mais difícil compreender seus pais, e vice-versa, o mesmo ocorrendo entre irmãos. O relacionamento recíproco se dificulta cada vez mais devido à necessidade sempre maior de as pessoas deixarem aflorar o que reside nelas carmicamente.

É notável a perspectiva nefasta que se abre ao quinto período pós-atlântico, ou seja, a dificuldade em se chegar a uma compreensão mútua entre os homens. Daí a exigência de enfrentarmos claramente esse aspecto da evolução, e de não pretendemos ficar sonhando comodamente — pois essa tendência é absolutamente necessária. Se essa dificuldade em nos conhecermos mutuamente não fosse imposta a este período, a alma da consciência não poderia formar-se; continuaríamos vivendo no elemento comum de nossas disposições naturais. Não poderia tomar forma o que há de individual na alma da consciência. Os homens devem, pois, submeter-se necessariamente a essa prova.

De outro lado, porém, isso deve ser feito conscientemente — pois se houvesse apenas esse aspecto negativo da evolução no quinto período pós-atlântico, guerras e lutas iriam eclodir até nas menores áreas da vida. Nesse período vemos surgir, como que instintivamente, uma série de anseios que deveriam assumir caráter cada vez mais consciente. Torná-los mais conscientes constitui uma das tarefas da humanidade no quinto período pós-atlântico.

Bastará eu mencionar *um único* termo para cada qual se dar logo conta de como procurar um remédio para um problema que, necessariamente, surge como exemplo da dificuldade de se chegar a uma compreensão mútua — bastará eu mencionar o seguinte termo: por estarmos vivendo na alma da consciência, é preciso chegar, neste quinto período pós-atlântico, à *compreensão social*. Este termo reúne, numa expressão, anseios que não existiam com a mesma intensidade no quarto período pós-atlântico. Quem estuda a verdadeira estrutura das civilizações grega e romana sabe que o individualismo não era igual ao que é atualmente na Europa e na América, na medida em que esta é influenciada pela civilização europeia. Os Amigos compreenderão isso ao comparar o homem com uma espécie animal. Por que é que uma espécie animal vive, dentro de certos limites, coerentemente? O motivo reside numa disposição comum provocada pela alma de grupo ou alma da espécie. As espécies animais têm uma disposição comum inata — isso é óbvio; mas têm de permanecer dentro dessa esfera, não podendo evoluir para fora de seu âmbito. O homem tem de transcender o genérico, alcançando uma formação individual. Uma das tarefas principais em nossa era da alma da consciência é o desenvolvimento individual de cada um.

As culturas greco-romanas ainda eram tingidas por um elemento de alma grupal. Aí o homem estava integrado a uma ordem social solidamente estruturada, embora essa formação resultasse, antes, de impulsos morais. Porém essas formações se dissolverão cada vez mais no decorrer do quinto período pós-atlântico, em que já nem se justifica essa leve presença da atmosfera da alma grupal característica do quarto período. Em seu lugar deverá aparecer uma compreensão social consciente, ou seja, tudo o que decorre de uma compreensão mais profunda da entidade humana individual. Essa compreensão só será desenvolvida por meio da Ciência Espiritual. É um tipo especial de antropologia nascerá e despertará um interesse pelo homem caso a Ciência Espiritual consiga, no círculo de seus estudiosos, passar da abstração a um enfoque concreto e cheio de vida. Haverá os que possuirão o dom de ensinar a seus próximos que as pessoas têm diferentes temperamentos e disposições de caráter; que um indivíduo possuidor de certo temperamento deve ser encarado de uma maneira, enquanto outro, dotado de outra disposição caracterológica, precisa ser visto de maneira diferente. Os seres humanos que tiverem esta capacidade deverão ensinar, aos que precisam aprender, a observar melhor: existe este tipo de pessoas, existe aquele outro, e cada um deve ser encarado de maneira diferente. Assim se realizará uma psicologia prática, mas ao mesmo tempo uma ciência prática da vida, e delas resultará uma autêntica compreensão social da evolução humana.

O que é que se tem manifestado até agora, em matéria de compreensão social? Têm surgido ideais abstratos, dos mais variados tipos, relativos ao bem-estar da humanidade e dos povos; têm surgido socialismos de todos os

matizes. Quem quisesse transformar essas ideias sociais esporádicas em realidade logo veria que não se pode fazê-lo dessa forma. É que não se trata, logo de início, de fundar associações ou seitas com programas definidos, e sim de propagar o conhecimento do homem, uma antropologia prática que nos capacite a compreender corretamente o ser humano em formação, isto é, a criança, constatando como cada criança se desenvolve de acordo com sua própria individualidade. Isso nos levará a assumir na vida uma posição que nos permita desenvolver as relações duradouras corretas e os efeitos cármicos, quando estivermos diante de uma pessoa com a qual devamos estabelecer tal relacionamento. Essas relações poderão ser as mais fecundas para toda a existência. O que importa é uma antropologia prática, um interesse pela humanidade que atue na prática. Até agora a humanidade não tem evoluído muito nesse sentido. Ora, como julgamos um indivíduo com quem nos defrontamos? Dizemos que nos é simpático ou antipático. Vejam os Amigos como, no mundo inteiro, na maioria dos casos esse é o único julgamento; ou como, existindo vários julgamentos, são todos eles dominados pelo critério que diz "este é simpático, aquele antipático" — ou "este seu traço me é simpático, aquele antipático". Trata-se de opiniões pré-formadas! Imagina-se que a pessoa em questão deveria ter determinadas características, e se ela revela algumas diferenças emite-se um julgamento. Nós não progrediremos em nosso conhecimento autêntico e prático do homem enquanto não cessarem esses critérios de simpatia ou antipatia baseados em preconceitos e preferências pessoais relativos a determinados caracteres humanos, nem enquanto não se divulgar a atitude de aceitar um indivíduo tal como é.

Convém ter presente que muitas vezes, quando duas pessoas se encontram pela primeira vez em determinadas circunstâncias, uma sente logo alguma antipatia em relação à outra: não gosta dela, e toda a sua maneira de agir com relação à mesma será impregnada por essa falta de simpatia. Em muitos casos deste tipo, uma relação cármica pode ser totalmente apagada ou tomar um rumo inteiramente errôneo, só podendo retornar na próxima encarnação, quando as duas individualidades voltarem a encontrar-se. Simpatias e antipatias são os maiores inimigos do verdadeiro interesse social. Muitas vezes isso escapa à nossa atenção. Quem conhece a importância da autêntica compreensão social para a evolução futura da humanidade observa às vezes, com o coração apertado, o efeito produzido na escola por professores que, por preconceito, acham um aluno simpático ou não em comparação com outro. Isso é muitas vezes terrível, pois deve-se aceitar cada um tal qual é, procurando desenvolver da melhor maneira possível sua personalidade.

Essa atitude se transmite às instituições. As instituições atuais e nossas leis sociais, massacrando a amizade a personalidade do professor, não permitem que se leve em conta a individualidade humana. Nessa situação, o real interesse pela Ciência Espiritual deve atuar de forma a incluir entre os objetivos do interesse geral uma psicologia e uma antropologia práticas. É isso o que é necessário para a compreensão social, a fim de que esta constitua, de certa forma, o polo capaz de contrabalançar as dificuldades que se opõem a um conhecimento mútuo.

Tudo isso deve acontecer para que a humanidade possa chegar, no quinto período pós-atlântico, ao pleno

desenvolvimento da alma da consciência. Os homens desenvolvem inteiros-se dessas coisas por meio de provas; as forças adversas como que lhes barram o caminho. Os sentimentos de simpatia e antipatia hão realmente de propagar-se, e a alma da consciência só nascerá de forma correta mediante a luta consciente contra tais sentimentos superficiais. Outro obstáculo à compreensão social entre os homens será constituído, em escala crescente, pelos sentimentos e emoções nacionalistas que se tornaram excessivos — tal como se manifestaram primeiramente no século XIX —, atuando também de forma significativa contra a compreensão social e o autêntico interesse do ser humano pelo ser humano. Os sentimentos nacionalistas de simpatia e antipatia, tal como se manifestam hoje, constituem uma terrível prova para a humanidade, pois só poderá haver salvação quando eles forem superados. Se essas emoções de simpatia e antipatia provocadas por sentimentos nacionalistas continuassem predominando, como ocorreu no passado, a humanidade ficaria sonhando enquanto deveria desenvolver a alma da consciência. É que os sentimentos nacionalistas seguem o caminho oposto, pois tendem a impedir que o homem se torne independente, transformando-o numa réplica ou cópia daquela característica de grupo que é a nacionalidade.

Eis o primeiro ponto que devemos considerar ao de-sejarmos colocar em prática a afirmação, originalmente abstrata, de que neste período pós-atlântico deve caber um desenvolvimento à alma da consciência.

Para que a alma da consciência possa realmente desabrochar, outro fator deve ocorrer durante o quinto período pós-atlântico: nos seres humanos, à medida que eles se tornarem mais individualistas, deverá surgir uma

verdadeira atrofia da vida religiosa se esta não se adaptar ao quinto período, e sim conservar a forma adequada ao quarto período. Como no quarto período pós-atlântico as pessoas ainda possuíam mais disposição para uma mentalidade grupal, tinham de surgir aí religiões de grupos. Foi à força que elementos comuns foram espalhados entre grupos humanos sob forma de dogmas, princípios e conceitos religiosos. Contudo, como o impulso em direção ao individualismo deverá intensificar-se cada vez mais sob a influência da alma da consciência, a mensagem das religiões grupais não mais atingirá os corações e as individualidades das almas isoladas. As pessoas simplesmente deixarão de compreender as manifestações do espírito grupal. No quarto período pós-atlântico, ainda era possível ensinar às pessoas aspectos grupais do impulso do Cristo; no quinto, o Cristo já penetra realmente nas almas individuais, e já o temos dentro de nós, consciente ou inconscientemente; contudo, é preciso primeiro compreendê-lo novamente. Isso não acontece mediante a imposição de dogmas rígidos, mas pelo esforço de tornar compreensível o Cristo e de desenvolver por todos os meios o conhecimento religioso. É por isso que uma tolerância em matéria de vida religiosa deve prevalecer neste quinto período pós-atlântico. Enquanto no quarto período se recorria a dogmas e princípios rígidos para atuar em prol da religião, a situação terá de mudar totalmente no quinto período. Aqui se trata de algo diverso: trata-se da libertação quanto a qualquer dogmatismo, já que os homens se tornaram cada vez mais individuais; é na base de vivências pessoais que se deve falar com outra pessoa para desenvolver-lhe a vida religiosa própria, individual e livre. As religiões e confissões baseadas em dogmas aca-

barão, no quinto período pós-atlântico, com a verdadeira vida religiosa. Convém esclarecer as pessoas sobre o fato de haver ocorrido, desde os primeiros séculos do cristianismo, uma transformação daquilo que é apropriado aos seres humanos. Existem outras religiões; é preciso que sua essência seja compreendida, é preciso despertar uma compreensão do Cristo sob muitos aspectos. Desta forma se estará aprendendo à alma algo que possa aprofundá-la, embora não se procure plasmá-la — ao contrário, deixar reinar a liberdade do pensamento, principalmente no campo religioso.

Assim como a compreensão social é necessária no primeiro campo que caracterizei, a *tolerância* é imprescindível no campo da religião para se conseguir o desenvolvimento da alma da consciência durante o quinto período pós-atlântico. Temos, pois, a *compreensão social no convívio humano e a liberdade de pensamento na área da religião, da vida religiosa.*

Temos de considerar, cada vez mais, a necessidade de compreendermos a vida religiosa e de nos entendermos com nosso próximo, mesmo se cada um tiver sua vida religiosa individual. Esta é uma condição para a quinta época, e a humanidade deve conquistá-la conscientemente. É na época da alma da consciência que as forças arimânicas investem contra essa liberdade do pensamento: em todo lugar vemos as confissões oporem-se à propagação dessa liberdade, elemento fundamental da Ciência Espiritual; vemos multiplicarem-se as calúnias a respeito desta, por ela pretender defrontar-se com o nascimento da alma da consciência numa atitude de plena compreensão, opondo-se a uma vida religiosa baseada na alma do intelecto ou do sentimento, tal como convinha no quarto período pós-atlântico. As formas do cristianismo tiveram ainda

sua origem nos anseios da civilização greco-romana, no quarto período. Como formas eclesiásticas, tornaram-se impróprias aos dias de hoje, vindo a ser cada vez mais incapazes de permitir o desabrochar daquela liberdade de pensamento que há de vir.

Ao mesmo tempo em que a vida moderna gerou o primeiro germe do anseio pela liberdade de pensamento, vemos a força adversa atuar nas diversas religiões sob a forma do *jesuitismo*. Caracterizemos mais detalhadamente tudo o que esse conceito abrange:

O jesuitismo foi criado para resistir com toda a violência à liberdade de pensamento, anseio vital do quinto período pós-atlântico. Será cada vez mais necessário extirpar, em todos os domínios, esse jesuitismo oposto à liberdade de pensamento. Ora, esta deveria irradiar da vida religiosa e desenvolver-se em todos os campos; mas como deve ser adquirida de maneira independente, a humanidade se vê, de certa forma, colocada diante de uma prova, de onde lhe surgem as maiores dificuldades. Estas serão tanto maiores quanto mais premente for a necessidade de a humanidade alcançar, no quinto período pós-atlântico, a lucidez da consciência, embora a princípio sentindo esse processo como algo incômodo e, por isso, alienando-se em muitos sentidos.

Assistimos, portanto, a uma luta violenta entre o germinar da liberdade de pensamento e o autoritarismo, cuja ação se faz sentir desde épocas remotas até a nossa própria. Existe também a tendência à ilusão sobre o autoritarismo. A fé na autoridade cresceu e intensificou-se imensamente em nossa época, dando origem a certa incapacidade de julgar. No quarto período o homem possuía o bom-senso como dom natural inato; hoje é preciso conquistá-lo e desenvol-

vê-lo. Estamos envolvidos pelo autoritarismo. Basta pensar no desamparo do homem em comparação com os seres irracionais! Quantos instintos guiam o animal de forma salutar — inclusive da doença para a saúde —, e o quanto a humanidade actual está longe de um julgamento sadio em tais campos! Aí a humanidade submete-se inteiramente à autoridade, não formando facilmente juízos a respeito do que é salutar para a existência. É verdade que existem esforços louváveis em toda espécie de associações, etc.; porém esses esforços deveriam ser muito mais intensos, e deveria haver consciência do fato de a humanidade se entregar cada vez mais à crença na autoridade, e do modo como se formam teorias inteiras que, por sua vez, são a base de convicções destinadas a solidificar a crença na autoridade. As pessoas se declaram liminarmente incompetentes para qualquer entendimento no campo da Medicina, do Direito e em todos os demais, aceitando sem discussão o que a ciência diz. De certa forma, isso se explica devido à complexidade da vida moderna; mas, sob a influência de tal poder do autoritarismo, os seres humanos se tornam cada vez mais desamparados. Ora, o *princípio do jesuitismo* consiste justamente em desenvolver sistematicamente essa *força* e essa convicção da autoridade. E o jesuitismo na religião católica é apenas um fenómeno, pois a mesma tendência se manifesta em outras áreas sem, todavia, ser percebida. O início foi o jesuitismo no campo eclesiástico-dogmático; aí sua meta era manter o poder do papado — oriundo do quarto período pós-atlântico — também no quinto, para o qual é impróprio. Mas o mesmo princípio jesuítico se estenderá paulatinamente a outros domínios da vida humana. Já assistimos ao nascimento de um jesuitismo na Medicina, o qual

pouco difere do jesuitismo no campo da religião dogmática. Vemos que se almeja um aumento de poder da corporação médica, por meio de certo dogmatismo na Medicina. Tal característica essencial pode ser constatada também em outras áreas. Essa tendência será cada vez mais forte, e as pessoas serão manipuladas pelas decisões das autoridades. A salvação para o quinto período pós-atlântico consistirá em fazer valer, contra essas resistências arimânicas — pois se trata delas —, o *direito da alma da consciência* que quer desabrochar. Isso só acontecerá se as pessoas se decidirem a desenvolver um intelecto e um julgamento sadios, já que não nascem mais com um entendimento normal tal como nascem com ambos os braços, como ocorria no quarto período pós-atlântico. O desenvolvimento da alma da consciência exige liberdade de pensamento, mas esta só pode florescer numa aura ou atmosfera toda especial.

Eu apontei as dificuldades que existem no quinto período pós-atlântico devido ao fato de este evoluir em direção à alma da consciência. Devido à sua natureza, esta deve encontrar certas resistências e passar por provas. Vemos surgir os mais ferrenhos obstáculos tanto para a compreensão social quanto para a liberdade de pensamento. Muitas vezes nem se compreende que existam, pois em amplos círculos tais obstáculos são justamente considerados como o correto a ser incrementado, e não combatido.

De outro lado, existem muitas pessoas de coração aberto e dotadas de compreensão pela situação do homem moderno, percebendo a crise que envolve as atuais condições cármicas dos seres humanos: os filhos deixam de compreender os pais, os pais não compreendem os filhos, há falta de entendimento entre irmãos e entre povos. Já existe

certo número de pessoas assistindo com profunda tristeza a esses fatos — que são necessários, mas só produzem um efeito benéfico quando corretamente interpretados. É dessa tristeza que devem nascer os novos impulsos. Os seres humanos serão alienados um do outro, e isso se manifestará espontaneamente. Os impulsos do coração deverão conduzir a uma busca consciente. Cada alma enfrentará dificuldades no decorrer do quinto período pós-atlântico, pois a alma da consciência só poderá desenvolver-se quando passarmos pela prova de superar tais dificuldades.

Há muitos que dizem: "Não sei o que fazer de mim, não sei me entrosar nas situações da vida." Tal atitude decorre do fato de esses indivíduos ainda não terem encontrado a oportunidade adequada para refletir sobre as necessidades de nossa época e a melhor maneira de entrosar-se nela. Em muitas pessoas, essa situação chega à doença e à instabilidade físicas. O que falta é um entendimento cada vez maior dessa situação. A ameaça que se espalhará sobre a humanidade, por ser algo necessário neste quinto período pós-atlântico, será a *carência anímica*, nas específicas nuances já descritas.

Muitas pessoas enxergam o que eu lhes disse aqui, percebendo a necessidade de os homens alcançarem por um lado a *compreensão social* e, por outro, a *liberdade de pensamento*. Mas poucos são os que se dispõem a aplicar os remédios corretos. Muitas vezes, procura-se satisfazer a necessidade de uma compreensão social por meio de bonitas frases de cunho muito idealista. O quanto não se escreve sobre a necessidade de um tratamento individual ao adolescente! Quantas teorias detalhadas não se inventam em todos os campos pedagógicos! Isso, porém, é o de me-

nos. O que pode ser divulgado de forma compreensível são descrições positivas, em maior número possível, de como os seres humanos realmente se desenvolvem — uma espécie de história natural da evolução humana de cada indivíduo. Deveríamos relatar, onde possível, qual foi o desenvolvimento do indivíduo A, B ou C; observar amorosamente como se processa o desenvolvimento de uma pessoa à nossa frente. O que se necessita é um estudo da vida, a vontade de conhecer a vida, e não programas — pois o programa teórico é o inimigo do quinto período pós-atlântico.

Quando se formam sociedades, no sentido do quinto período pós-atlântico, o mais importante são os indivíduos que nelas se reúnem; e é do intercâmbio entre essas pessoas positivas que devem nascer as relações. Prestando-se atenção a isso, acontecerão coisas bastante individuais. O que se costuma fazer, hoje em dia? Começa-se elaborando estatutos. Isso pode ser bonito e até necessário, quando as circunstâncias exteriores exigem estatutos. Deveríamos, porém, ter em mente que toda referência a programas e estatutos é apenas uma concessão feita ao mundo, pois o essencial é a convivência de individualidades humanas e aquilo que emana do homem positivo — a compreensão mútua. Temos ainda alguns séculos à nossa frente; portanto, durante o quinto período pós-atlântico existirá a possibilidade de a compreensão do desenvolvimento individual transpor os estreitos círculos que atualmente a possuem, atingindo o grande mundo onde hoje tudo ainda se encontra bitolado em parágrafos, leis e coisas semelhantes. Atualmente, as teorias supostamente salutares são pregadas das cátedras e outras tribunas que se propõem ensinar a vida. Em todo lugar vemos surgir aquelas doutrinas repletas

de abstrações, onde se exibem às pessoas toda espécie de ideias e ideais. Porém não é isso o que conta; o que se deve fazer é penetrar na vida real e concreta. Mas de que forma?

Diante do que dissemos, obviamente cabe, e com toda a razão, objectar que não nos compete um juízo sobre tudo o que hoje em dia emana de circunstâncias autoritaristas. Basta pensar, dirão essas pessoas, em tudo o que um médico deve aprender! É justo que ele o aprenda; mas como é que nós podemos aprender isso, mais o que deve ser aprendido pelo jurista, pelo futuro pintor, etc.? Simplesmente não nos é possível! É verdade, sem dúvida não nos é possível; mas tampouco precisamos ser criativos, e sim apenas capazes de julgar. A autoridade é que deverá criar, mas nós deveremos ser capazes de formar um juízo a seu respeito. Essa capacidade nós não adquirimos por meio de um estudo de todas essas diversas especialidades, e sim por meio de algo que nos capacite a um julgamento, preparando nossa inteligência e nosso juízo. Nós não conseguiremos isso procurando adquirir um conhecimento material das várias especialidades, e sim mediante um amplo conhecimento espiritual.

É a Ciência Espiritual que deve constituir o conhecimento central, pois sua função não é apenas proporcionar esclarecimentos sobre a evolução do homem; pelo tipo de pensamentos que lhe são próprios, ela desenvolverá em nós um intellecto sadio, mas este deverá ser extraído de uma profundidade maior do que era necessário no quarto período pós-atlântico, o greco-romano. A maneira de se formarem conceitos e representações na Ciência Espiritual, diferentemente do que se dá na ciência comum, não nos capacita a sermos uma autoridade nesta ou naquela área,

e sim a emitirmos juízos. A causa disto se evidenciará cada vez mais claramente — pois existem na alma humana forças misteriosas, e estas a unirão ao mundo espiritual; e o laço entre a alma humana e o mundo espiritual, estabelecido pelo estudo da Ciência do Espírito, nos tornará capazes de emitir um julgamento nos diversos casos em que enfrentarmos uma autoridade. Nós não saberemos o que só a autoridade é capaz de saber; mas quando ela souber algo e atuar de certa forma num caso determinado, teremos a capacidade de julgar sua maneira de proceder.

Cumpre-nos enfatizar que a ciência não deve apenas instruir os homens, mas torná-los capazes de julgar, proporcionando-lhes a capacidade de raciocinar e aumentando-lhes a independência do pensamento. A Ciência Espiritual não fará de nós médicos, mas se a assimilarmos corretamente ela nos conferirá a capacidade de julgar o que o médico realiza na vida pública. Se estas minhas palavras forem compreendidas em seu sentido correto, haverá também uma boa compreensão das forças salutareas do quinto período. Ora, quando eu digo que a Ciência Espiritual transformará o discernimento humano engendrando em sua vida psíquica forças intellectivas e capacitando o ser humano a emitir julgamento, esta minha afirmação implica muita coisa. Só assim o homem adquirirá a verdadeira liberdade de pensamento.

Permitam-me ainda dar a este meu pensamento uma forma pictórica, imaginativa. Na Ciência Espiritual ouvimos falar concretamente de um autêntico mundo espiritual, de seres elementais que nos rodeiam, das hierarquias espirituais — de Anjos, Arcanjos, etc. Para nós o mundo se povoa de conteúdos espirituais concretos, ou seja, de forças

e seres, espirituais. A esses seres que vivem nos mundos espirituais, não fica indiferente se sabemos ou não de sua existência! Isto ainda lhes era mais ou menos indiferente no quarto período pós-atlântico, mas no quinto período não o é mais; quando os seres humanos nada sabem a seu respeito, é como se esses seres fossem privados de um alimento espiritual. O mundo espiritual comunga com nosso mundo físico. Os Amigos compreenderão isso melhor se eu lhes disser algo que, embora pareça paradoxal, é pura verdade. Apesar de muitas coisas não poderem ser ditas, certas verdades devem ser enunciadas, pois as pessoas não deveriam viver sem elas.

Vejam, para os homens na Terra é correto afirmar o seguinte: o Cristo penetrou na Terra com o Mistério do Gólgota, fazendo desde então parte da existência terrena; é, de certo ponto de vista, pode-se considerar como auspicioso para a Terra o fato de o Cristo ter feito sua entrada nela. Coloquemo-nos, porém, no ponto de vista dos *Angeles* [Anjos] — e esse ponto de vista não é uma invenção minha, e sim algo bem real que se manifesta ao verdadeiro pesquisador do oculto. Os Anjos tiveram, em sua esfera espiritual, uma vivência diferente. Sua experiência foi oposta à dos homens: o Cristo abandonou a esfera deles e foi ter com os seres humanos. Dirão, pois, os Anjos: “O Mistério do Gólgota significa, para o nosso mundo, a partida do Cristo.” Esse fato é, para eles, motivo de tristeza da mesma forma como os homens podem considerar salutar o fato de o Cristo ter-lhes advindo enquanto eles vivem num corpo físico. Este também é um raciocínio real, e quem conhece o mundo espiritual sabe haver apenas uma solução para os Anjos, aos quais se aplica o que acabo de dizer. Ora,

os homens que vivem em seus corpos físicos na Terra devem viver com a ideia do Cristo, e essa ideia do Cristo deve irradiar do Mistério do Gólgota como uma luz em direção aos Anjos. Os homens dizem o seguinte: “O Cristo penetrou em nós, e podemos desenvolver-nos de forma a que ele viva em nós. — Não eu, mas o Cristo em mim.” Os Anjos, porém, dirão: “O Cristo se retirou de nossa esfera, de nosso interior, e agora refulge, qual uma infinidade de estrelas, na ideia do Cristo concebida pelos seres humanos individuais; aí o reconhecemos, aí ele refulge a partir do Mistério do Gólgota.” Há um laço real entre o mundo do espírito e o mundo humano; e esse laço real se reflete no fato de os seres espirituais, habitantes do mundo espiritual extraterrestre, poderem olhar com prazer e satisfação para os pensamentos que nós concebemos a respeito do mundo. Os seres espirituais só podem ajudar-nos quando elaboramos pensamentos acerca deles, mesmo quando ainda não podemos enxergar nos mundos espirituais como clarividentes; eles podem ajudar-nos, desde que tenhamos algum conhecimento a seu respeito. Como compensação por nossos estudos da Ciência Espiritual, recebemos uma ajuda do mundo do espírito. O que nos ajuda não são as coisas que aprendemos, os conhecimentos, mas os próprios seres das hierarquias superiores, desde que tenhamos conhecimento de sua existência. Ao continuarmos enfrentando as autoridades no quinto período pós-atlântico, será salutar para nós não nos apoiarmos apenas em nosso intelecto humano, mas no que os seres espirituais produzem nele, desde que tenhamos conhecimento a seu respeito. São eles que nos capacitam a emitir julgamentos ao enfrentarmos a autoridade. É o mundo espiritual que nos ajuda. Nós te-

mos necessidade desses seres — devemos saber algo sobre eles, aceitá-los cientemente. Esse é o terceiro fato que deve ocorrer no quinto período pós-atlântico.

O primeiro fato é a *compreensão social do ser humano*; o segundo, a *conquista da liberdade de pensamento*; e o terceiro, o *conhecimento vivo do mundo do espírito por meio da Ciência Espiritual*. Esses três fatos devem ser os verdadeiros ideais do quinto período pós-atlântico. No campo da vida social deverá reinar a compreensão social; no da convivência anímica — religiosa e outras —, a liberdade de pensamento; e no campo do conhecimento deverá surgir a cognição espiritual. *Compreensão social, liberdade de pensamento, conhecimento espiritual* — eis as três grandes metas e impulsos do quinto período pós-atlântico. É sob estas luzes que devemos desenvolver-nos, pois são as luzes apropriadas à nossa época. Certas pessoas sentem intensamente que isso é necessário; elas sentem que uma nova espécie de convívio entre os homens e outros conceitos devem surgir. Porém as últimas consequências ainda fogem à boa vontade ou ao conhecimento das pessoas. Podemos constatar isso na atitude que certos indivíduos assumem perante os anseios da Ciência Espiritual ou Antroposofia. Nem se deve logo pensar em calúnias mal-intencionadas a respeito da Ciência Espiritual, da Teosofia ou da Antroposofia, ou na oposição que lhes é feita de má-fé; podemos pensar em impulsos honestos que também existem na humanidade atual, em anseios bem-intencionados visando a criar na humanidade impulsos que estejam de acordo com os verdadeiros impulsos do quinto período pós-atlântico. Basta os Amigos pensarem na quantidade de reformadores que surgem em todas as áreas, pastores e predicadores sociais, mesmo de

círculos não teológicos ou não religiosos. Vejam como eles surgem, estando muitas vezes motivados pela maior boa vontade! Esse fenômeno quer conduzir as pessoas a algo que corresponda aos anseios do nosso tempo! Existe muita boa vontade; e é dela que estamos falando, e não da má vontade. Porém enquanto essa boa vontade se limitar a frases genéricas, mesmo se sustentadas por ardorosos sentimentos, nada disso resolverá se não reinar a convicção — propiciada apenas pela Ciência Espiritual — no sentido de se poderem realizar os três grandes ideais: a compreensão social (isto é, o conhecimento do ser humano impregnado por um impulso social), a liberdade de pensamento e a cognição espiritual. Para isso, contudo, a compreensão dos homens de nossa era mal principiou, exceto no pequeno grupo que se formou dentro da cosmovisão impregnada pela Ciência Espiritual.

Já existe, a esse respeito, algum discernimento muito louvável. Quero dar-lhes uma prova disso. Aconteceu de eu ter encontrado na vitrine de uma livraria um livrinho que comprei porque o título, de certa forma, me impressionou. Parecia um 'acaso' comum, mas na realidade sucedeu por meio do carma. Nesse livro se fala do homem moderno, de seus anseios e do ambiente em que ele se desenvolve; fala-se dos fatores do mundo atual que favorecem esse homem moderno tornando-lhe a vida fácil e confortável, e relata-se que essa vida se torna um prazer sob a influência de certas comodidades como a energia a vapor ou a eletricidade. O autor, porém, dá ainda ênfase a um outro aspecto. De um lado, constata que o homem moderno tem uma vida mais movimentada e mais frenética do que antes, e também uma vida mais rica. Essa constatação é feita com certa alegria e

satisfação; graças a marcantes fenômenos culturais do nosso tempo, afirma-se que o homem moderno vive melhor em comparação com a existência mais instintiva, triste e embotada de épocas passadas. De outro lado, porém, em seguida o autor descreve corretamente as dificuldades do quinto período pós-atlântico, mencionado por mim há pouco. Só que ele não reconhece o fato de tudo isso ter sua causa na configuração do quinto período e em sua meta de formar a alma da consciência. Isto não é vislumbrado claramente. No entanto, é o que importa. O autor sente isso, com o coração bem aberto. Diz ele:

É curioso: ao descrever a evolução de nossa época, partimos da alegria de viver do prazer da existência. No fim do capítulo teremos de falar de um profundo sentimento íntimo da alma. O que aqui vivenciamos em pequena escala, nossa época experimenta em escala maior. [Com "pequena escala" ele quer significar o lugar onde vive.] De um lado, uma plenitude cultural sem par, uma riqueza de vida, vigorosa e bela como mal houve outra na História; e, ao mesmo tempo, um sofrimento anímico que se expande e abrange camadas inteiras do povo.

Então nosso autor, que demonstrou possuir um discernimento tão correto, passa a examinar várias soluções para não ficar apenas limitado a descrever o sofrimento da alma, e sim para encontrar a maneira correta de dirigir os impulsos da humanidade moderna. Entre essas soluções descreve também o que chama de Teosofia, da maneira como chegou a conhecê-la. Encontramos, pois, dentre os inúmeros adversários, uma pessoa que demonstra uma atitude benévola para com a Teosofia e boa vontade em realmente conhecê-la, tendo-se de fato familiarizado com

ela e, por isso, nos interessando.¹ Não menciono tudo isso por motivos fúteis, mas porque considero importante e essencial por isso em evidência tais relações positivas entre a nossa Ciência Espiritual e o mundo ambiente.

Depois de mencionar o que a Mística, que não chega a ser 'misticismo', procura fazer para aprofundar a vida e minorar os sofrimentos da alma, o Autor diz:

Ao lado da Mística encontra-se a Teosofia. Há quem veja nela apenas uma busca de substitutivos para forças de eficiência comprovada, julgando tratar-se apenas de uma tendência ao sincretismo e ao eclétismo [...]

— ou seja, um amálgama de toda espécie de confissões religiosas e cosmovisões. Os que não se dão ao trabalho de conhecer melhor a Ciência Espiritual afirmam que esta não passa de um gnosticismo requentado; mas aquele autor não para ali, pois diz serem eles...

...os que encontram apenas uma tendência ao sincretismo e ao eclétismo, de acordo com as inclinações pessoais, confundindo-as com fenômenos pouco claros de nosso tempo, com superstições, espiritismo, visões de fantasmas, simbolismo e outras manifestações de malabarismos espirituais que excitam os homens por seus aspectos misteriosos. Tal, porém, não é o caso. Seríamos injustos em relação a esse movimento se não reconhecêssemos os aspectos e valores profundos que nele se exprimem.

¹ Rudolf Steiner faz esta referência por haver iniciado sua atividade esotérica pública no seio da Sociedade Teosófica, da qual se desligou em 1913 para fundar a Sociedade Antroposófica, daí surgindo, em muitas pessoas, alguma confusão entre Teosofia e Antroposofia. (N.T.)

Temos, pois, diante de nós um indivíduo cheio de boa vontade. Ele continua:

Pelo menos no que se refere ao círculo ao redor de Steiner, devemos compreendê-lo como um movimento religioso dos nossos contemporâneos; se não é original, mas apenas sincrético, não deixa de visar ao fundamento de toda a existência.

Espero que esse indivíduo tão bem-intencionado acabe também descobrindo a originalidade do nosso movimento.

Não devemos considerá-lo como um movimento que visa a satisfazer os interesses supressensíveis dos homens, transcendendo dessa forma o realismo restrito ao sensorial; devemos ver nele principalmente um movimento que provoca nas pessoas a conscientização de seus problemas morais, visando a uma espécie de renascimento interior como resultado de um intenso trabalho de autoeducação.

Como eu já disse, não é por espírito de futilidade que estou lendo estas coisas, mas porque considero importante conhecermos tais julgamentos quando se pensa em tudo o que normalmente é costume dizer a respeito da Antroposofia.

Basta ler o livro de Steiner sobre a introdução à Teosofia para se constatar a seriedade com que se aponta para o trabalho destinado à purificação, ao aperfeiçoamento moral. Além disso, o movimento antroposófico, com sua especulação dirigida ao supressensível, constitui uma reação ao materialismo; é bem verdade [e agora chamo sua atenção especial para o trecho seguinte] que se afasta facilmente da base sólida da realidade perdendo-se em hipóteses, em fantasias clarividentes e

num reino de sonhos, não lhe sobrando forças suficientes para a realidade da existência individual e social. Não obstante, temos de ver na Teosofia um fenômeno que corrige certos aspectos do desenvolvimento atual da humanidade.

A única coisa, portanto, que desagrada ao Autor é o fato de a Antroposofia se elevar ao conhecimento espiritual real e concreto; ele gosta dos impulsos que, segundo sua opinião, podem fluir da Teosofia visando ao aprimoramento moral do homem; mas não reconhece que tais impulsos só podem nascer, em nosso quinto período pós-atlântico, de um autêntico conhecimento espiritual. Não admite as raízes e quer colher os frutos sem elas. Não reconhece a interligação. Esse indivíduo é interessante, pois embora tenha estudado meu livro *Teosofia*² com toda a dedicação, não lhe advém o discernimento de que um não pode existir sem o outro; ele quer cortar a cabeça desse livro mas conservar-lhe o corpo, que considera algo importante.

Esse fato ilustra o que lhes expus antes. Indivíduos desse tipo admitem que haja necessidade de compreensão social e de liberdade de pensamento; porém não querem reconhecer o terceiro, isto é, que o conhecimento espiritual deva constituir o fundamento para o nosso quinto período pós-atlântico — não chegam a aceitar esse fato. Ora, uma das tarefas mais importantes da corrente da Ciência Espiritual é despertar inclusive a compreensão para isso. Muitas pessoas chamam de fantástica a elevação aos mundos espirituais; não se dão conta de serem o materialismo, a incompreensão social e toda a vida e a cosmovisão materialista

² [Título da edição brasileira (7. ed. São Paulo: Antroposófica, 2004).]

de nossa época um resultado da perda do conhecimento dos mundos espirituais. É justamente em indivíduos bem-intencionados que se percebe quão difícil é, para os seres humanos atuais, admitir a necessidade de se reconhecer a existência de mundos espirituais concretos. É por esse motivo que devemos procurar despertar a compreensão de impulsos como os que descrevi nesta palestra.

O livrinho que mencionei se intitula *Die Gedankenwelt der Gebildeten, Probleme und Aufgaben* [O mundo dos pensamentos dos eruditos — problemas e tarefas]. Como eu já disse, caiu em minhas mãos 'por acaso', pois foi publicado em 1914 em Hamburgo, reproduzindo uma palestra proferida pelo Prof. Friedrich Mahling em 23.9.1913, por ocasião do XXXVII Congresso da Missão Interior, nessa cidade. Estou admirado por ninguém de nosso círculo haver falado desse livro. Talvez pudesse ter caído em mãos de alguém entre os Amigos, já que foi editado em 1914. Seria necessário cuidarmos um pouco das relações que se estabelecem entre as mais variadas áreas. Seria necessário termos em mente a reação, muito mais frequente, que consiste em julgar e zombar do nosso movimento; mas também deveríamos pôr em evidência o caso em que se procura honestamente compreendê-lo, como no caso presente, que nos ensina quantas dificuldades são encontradas, mesmo em nossos dias, pelos que buscam uma compreensão honesta.

Era minha intenção mostrar, nesta palestra, os três grandes ideais concretos deste quinto período pós-atlântico: compreensão social concreta, liberdade de pensamento, conhecimento espiritual. Estes ideais devem nortear as ciências de agora em diante, purificando a vida, impulsionando a moral e proporcionando à humanidade moderna novos

rumos e nova vitalidade. Mas as duas primeiras exigências — a compreensão social e a liberdade de pensamento — não podem ser realizadas sem a terceira, pois trata-se de desenvolver a alma da consciência. Em sua fase mais evoluída, esta alcança a *identidade espiritual*, cujos germes deverão ser implantados durante o sexto período pós-atlântico. Esta evolução não ocorrerá se não for preparada no homem aquela autonomia interior resultante do desabrochar da alma da consciência. Em nossos esforços em prol da Ciência Espiritual, devemos levar em conta que o que nos parece ser uma verdade abstrata possui a força mágica que, caso se consiga liberá-la, iluminará toda a existência. Seja qual for a posição de cada um na vida — na ciência ou numa atividade prática, por ínfima que seja —, o ser humano pode colaborar nas grandes tarefas da época, desde que saiba tornar vivas, em seu campo, as verdades abstratas que assimilamos em nossas reuniões. Então a alma humana se encherá de alegria, de uma alegria que não será apenas superficialidade despreocupada, mas conterá algo daquela seriedade que nos sustenta, que incrementa nossas forças, fazendo com que não apenas desfrutemos da vida, mas sejamos autênticos trabalhadores dentro dela.

Neste sentido, os referidos três ideais sociais e cognitivos capacitarão também a alma da consciência, no quinto período pós-atlântico, a compreender o Mistério do Gólgota de uma nova maneira, a acolher o Cristo — pois deveremos estabelecer uma relação real com os mundos espirituais e cientificar-nos de sua atitude com referência ao impulso central de toda a evolução da Terra, ou seja, o impulso do Cristo. Os pensamentos que fluirão do mundo espiritual para a Terra nos farão compreender esta importância do

impulso crístico; com efeito, desde o Mistério do Gólgota existem pensamentos que refulgem nas almas humanas e, qual estrelas claras, brilham em direção ao mundo dos Anjos — que perderam o Cristo em sua esfera para vê-lo resplandecer na esfera dos pensamentos humanos.

O conhecimento espiritual não pode, de forma alguma, ser descrito como algo fantástico, pois procura atuar sobre a realidade que necessariamente gera o sofrimento das almas durante o quinto período pós-atlântico. Era sobre isso que eu lhes desejava falar.

Outros títulos da coleção 'Textos Escolhidos' (Rudolf Steiner):

A educação da criança segundo a Ciência Espiritual

A educação prática do pensamento

A eterização do sangue

Andar, falar, pensar / A atividade lúdica

Arte e estética segundo Goethe

As origens do Pai-nosso

Como atua o carma

Economia e sociedade à luz da Ciência Espiritual

Educação na puberdade / O ensino criativo

Matéria, forma e essência

Mistérios do México

Nervosismo e autoeducação

O anjo em nosso corpo astral / Como eu encontro o Cristo?

O maniqueísmo

O mistério dos temperamentos

Os doze sentidos e os sete processos vitais

Reencarnação e carma

Seres elementares e seres espirituais

Temperamentos e alimentação